

Elida Tessler

1 – Nos seus projetos, você costuma se apropriar das palavras de diversas formas. Na instalação *Todos os nomes Chaves* (2004), CCBB/SP, pequenos cofres aparecem com todos os nomes Chaves encontrados nas listas telefônicas de São Paulo e Porto Alegre. Fale um pouco sobre como aparece a apropriação de palavras nos seus últimos projetos:

A instalação *Todos os nomes Chaves* foi concebida especialmente para fazer parte da exposição *Ordenação e vertigem* com curadoria de Agnaldo Farias em torno do artista Arthur Bispo do Rosário. O espaço indicado para a apresentação de meu trabalho foi justamente o antigo cofre da instituição, hoje transformado em espaço expositivo do Centro Cultural. Refletindo sobre o trabalho de Bispo, que gosto muito, tomei emprestado o título do livro de José Saramago "*Todos os nomes*" justamente porque faz parte do romance a descoberta de toda a biografia de um bispo por parte de um funcionário do tabelionato, centro da narrativa. Acrescido a este dado, tenho o maior apreço pelo modo como Bispo mantinha um sistema de pensamento a partir da classificação das coisas e dos nomes, com uma lógica própria, recriando a linguagem, tanto verbal quanto visual. Ora, trabalhar com palavras é sempre uma vertigem e requer ordenação! Desde 1999 aproprio-me de palavras oriundas da literatura: escolho um livro, defino diferentes métodos para a captura das palavras e estabeleço listas, que são sempre o ponto de partida para a construção de minhas instalações. Identifico-me com o que propõe Umberto Eco, em seu recente livro *Vertigem da lista*: "O medo de não poder dizer tudo se manifesta diante de uma infinidade de nomes mas também diante de uma infinidade de coisas. A história da literatura fervilha com coleções obsessivas de objetos." (ECO, Umberto – *Vertige de la liste* – Paris, Flammarion, 2009, p. 67). Deste modo, me coloco diante de um infinito de possibilidades que a palavra pode oferecer, criando as minhas próprias coleções. Sistemáticamente incorporo objetos onde a palavra encontra uma superfície de pouso. Mais recentemente, tenho apresentado o próprio livro como elemento ativo no trabalho. Interesse-me pela relação entre palavra e imagem, entre arte e literatura, entre o ordinário e o extraordinário que nos constitui a cada momento.

Para o meu mais recente projeto, por exemplo, dediquei-me à leitura do romance *ULISSES* de James Joyce, em seu idioma original, o inglês. Defini que sublinharia todos os verbos no gerúndio, isto é, aqueles identificados pelo sufixo ING. Percebi que havia, na criação de Joyce, uma idéia de fluxo constante, materializado pela presença constante do Rio Liffey, que corta a cidade de Dublin, capital da Irlanda. Dublin é uma cidade-cenário para Joyce, enquanto que o rio torna-se personagem, em uma linda metáfora acerca dos fluxos de linguagem e da própria vida em sua finitude. Não podemos esquecer que *ULISSES* traz à cena um único dia da vida de um homem. Algumas horas transformadas em centenas de páginas. O livro foi escrito entre 1914 e 1921, enquanto Joyce se deslocava por entre as cidades de Trieste, (Itália), Zurique (Suíça) e Paris (França). Assumi o caráter de deslocamento, e li a obra somente em cafés, enquanto estive entre as cidades de Paris, Madri (Espanha) e Porto (Portugal). Após leitura e releituras, obtive a lista com 4311 verbos no gerúndio, e elegi os elementos da instalação: garrafas, rolfas e cartões-postais em mesmo número. As palavras foram impressas nas rolfas, e estas foram introduzidas no bocal das garrafas. Os verbos também foram impressos nos cartões-postais, como uma espécie de legenda. Ao invés de indicar um local, aponta uma ação, um algo acontecendo, ampliando aquele pequeno território de papel e a paisagem ali circunscrita.

2 – Você é professora do Departamento de Artes Visuais e da Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Que tipos de questões têm sido trabalhadas por seus alunos? Quais as ferramentas/tecnologias estão sendo utilizadas ou desenvolvidas?

Sou professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes já há 17 anos, tendo assumido quase sempre as disciplinas da área de História, teoria e crítica de Arte. Sendo artista, sempre procurei transmitir aos alunos um pouco de minha experiência e de minha convivência com a prática de outros artistas, com o foco na arte contemporânea. Fazem pelo menos 15 anos que assumi a disciplina Laboratório de Criação de Textos, cujo eixo é a elaboração, por escrito, de reflexões críticas a respeito de produções artísticas, sejam próprias ou de artistas relacionados aos seus temas de pesquisa. Esta experiência tem sido cada vez mais intensa, relacionando a palavra escrita à imagem ou ao objeto. Arte e literatura estão sempre muito interligadas em toda a dinâmica de minhas aulas. Com o retorno dos alunos, em seus depoimentos e/atividades posteriores, eu tenho certeza de que desenvolvemos, a cada semestre, uma excelente ferramenta de trabalho, com a qual produz-se arte e pensamento ao mesmo tempo. Neste momento, por exemplo, estamos construindo um fichário, no sentido mais rudimentar que se possa conceber, com verbetes associados à atividade de ESCREVER, LER, VER e ESCUTAR. A partir dele, muitas outras ferramentas nos auxiliam em aula, desde a audição de música e textos, até a realização de vídeos ou outras mídias que incorporam a relação palavra<>imagem. Alguns alunos desenvolvem blogs, outros assumem o clássico formato de caderno de textos. O Laboratório de Criação de Textos está incluído, como disciplina, no currículo tanto da graduação como da pós-graduação (mestrado e doutorado).

3 - Entre os trabalhos inscritos no Festival Conexões Tecnológicas 2010, você destacaria algum? Por que?

Entre os trabalhos que pude acompanhar pelo site, eu destacaria o de Ivo Godoy, com seus AXIOMAS. Encontro em sua produção uma potência poética bem-humorada, ativando a relação palavra<>imagem, de forma com que o visitante-espectador possa se relacionar criativamente. Ali, tudo me pareceu abrir espaço para a invenção. As perguntas lançadas são extremamente instigantes: “Como você lê?” “Quem escreveu isso?” “Você tem certeza?”. Além deste aspecto da inserção imediata do outro dentro de sua proposição, o trabalho apresenta uma carga literária bastante relevante, como uma forma de trazer à lembrança as nossas referências literárias, filosóficas e artísticas. Gostei muito das citações aleatórias, acreditando que este é um repertório em contínuo acréscimo e transformação. Frases como as de Cildo Meireles e de Carlos Drummond de Andrade acionam um processo associativo que poderia nos ocupar por um dia inteiro. Sublinho este aspecto como algo muito positivo. O homem que não lê não pensa, disse Ferdinand de Saussure. Neste caso, poderíamos acrescentar “o homem que não escreve”... “o homem que não vê”... “o homem que não escuta”... e não estou me referindo aos órgãos da percepção, e sim do empenho de cada um de nós para se aproximar da vida da maneira mais sensível e imaginativa que possa ser. O trabalho de Ivo Godoy promove uma outra maneira de ingressar na história da poesia visual, no contexto da arte contemporânea.

4 - Qual projeto ou artista você indicaria como referência para o trabalho que você escolheu para comentar?

Neste momento, penso em Paulo Brusky, com suas perguntas sempre colocadas em diferentes contextos históricos: “O que é arte? Para que serve?”, e em James Joyce, como inventor de linguagem, no mais amplo sentido, sempre.